



un film de RUY GUERRA

MUSIQUE
CHICO BUARQUE

EDSON CEBUARI / CLAUDIA OHANA / ELBA RAMALHO / NEY LATORRACA
OPERA DO MALANDRO / CHICO BUARQUE

O MALANDRO CANTA EM HOMENAGEM AO CAPITAL

Por Renan Turci

O malandro é um ícone do brasileiro, fato este inegável, tendo como exemplo até o Zé Carioca, o malandro em penas. Então, por que não fazer uma história totalmente brasileira – ou quase - com esse personagem? Assim nasce a “Ópera do Malandro”, obra escrita por Chico Buarque e baseada na “Ópera dos Três Vinténs”, de Bertolt Brecht.

Pela distância histórica das versões, algumas adaptações são feitas pelo contexto histórico-sociais diferentes. Nessa época de Ditadura Militar, a peça da “Ópera do Malandro” é encenada pela primeira vez, em 1978, ano em que o AI-5 é retirado da constituição. Em 1985 ocorre a queda do governo militar e essa história volta ao público em formato de filme. Além disso, tem-se a irônica presença dos EUA fortemente colocada nos anos 80, mesmo tendo sido esse país o responsável pelo período de terror brasileiro, investindo grandes quantias de dinheiro – o Milagre Econômico brasileiro – para que o Brasil não se tornasse comunista.

Falando em capital, esse é o assunto principal que permeia a obra de Chico Buarque, como ele próprio diz em sua entrevista de 1978 para a revista “Isto É”:

“A peça enfoca o fim do capitalismo autoritário e a entrada no país do capital estrangeiro.(...) Não há mais lugar para as pequenas falcatruas, as mais “inocentes”. Você tem que pensar alto quando vai cometer uma malandragem. O clima envolve opressores e oprimidos, a decadência de uma época...” (Buarque, 1978)

Isso se dá na obra com Max Overseas, o malandro, que trabalha fazendo contrabando de itens dos EUA para o Brasil. Tudo se altera quando Ludmila/Teresinha aparece e faz com que seu negócio se transforme em uma firma de importação com capital estrangeiro, além de estar

apaixonada por ele e querer se casar. O pai dela, Duran/Strudel, fica furioso e procura de todo modo acabar com isso, planejando inclusive matá-lo.

Alicerçados nessas bases, a história e estilo dos personagens se alteram. Inicialmente, é necessário falar de alguns personagens específicos como Lúcia/Margot, as quais, embora a relação com Tigrão fosse diferente – filha/ex-mulher respectivamente, têm a mesma importância nula em ambas as obras. Nelas, as personagens foram encarnadas por Elba Ramalho, o que faz parecer que o papel existe somente para ela cantar e ter números musicais.

No filme, outra personagem desnecessária é Genival, o qual só conta a Max sobre Ludmila, nem cantando sua música completa – Geni e o Zepelim. Contudo, na peça esta personagem apresenta importância para a narrativa, sendo, além do elemento que faz a história continuar ao contar onde Max se esconde, acrescenta a crítica sobre “estadunização”, vendendo sempre produtos advindos diretamente dos EUA para Duran e sua mulher – que consideravam estes produtos muito melhores e mais chiques que os nacionais, ou se surpreendendo com eles por não existirem aqui.

Já Chaves/Tigrão, diferentemente dos personagens antes citados, possui importância nas duas obras. A diferença dos dois, no entanto, é o grau de amizade com Max, sendo no teatro ela forte, enquanto no cinema é algo mais gasto, inclusive pela presença de Margot. Mas isso explica-se pelo contexto histórico, pois em 1978, início da abertura política, Chico Buarque não poderia fazer críticas tão duras ou colocar o representante da justiça de forma negativa e pejorativa – como o faz no filme -, então coloca-o como grande amigo de Max, uma analogia aos laços ainda for-

temente amarrados entre os militares e o Brasil naquele momento. Já em 85, esses laços já estão afrouxados, inclusive com a abertura política em seu ápice, fazendo a relação dos dois ser diferente, mais fria.

Outra com diferenças na personalidade é Teresinha/Ludmila, sendo a troca de nomes muito bem utilizada. A primeira tem aparência mais inocente, querendo simplesmente casar com Max por amá-lo. Enquanto isso, a outra é muito mais inteligente, querendo-se casar com o malandro para denominá-lo pai da criança que estava em seu ventre, sendo o verdadeiro pai seu antigo professor. Porém, mais que isso, toda a manipulação que ela realiza em Max para concordar com a empresa de importação é bem evidente no filme, enquanto na peça ela não faz nada. Ou seja, a personagem da obra da telona é muito mais profunda e forte do que a outra.

Max Overseas, em contrapartida, tem seu personagem enfraquecido entre as duas obras. Em 1978, durante as cenas, suas falas e ações demonstravam quão escorregadio o malandro era com toda sua esperteza. Em 1985, pouco se mantém da malandragem de Max, sendo criadas cenas para se tentar acrescentá-la, sem sucesso, como a do bilhar ou ele encontrando os “estadunidenses” no cais.

Sobre a história mesmo, em suma, é a mesma: com o casamento, a empresa de importações e o pai da garota querendo exterminar o malandro. As diferenças marcantes mesmo são a metalinguagem e o final.

A metalinguagem e o final estão intimamente relacionados, uma vez que a maior parte dela está ali. O ponto é que a ironia realizada na peça não aparece no filme – pelo menos não da mesma forma -, e, mais que isso, enquanto no primeiro o malandro morre, no outro ele se casa e continua vivendo feliz. Assim pode-se ver como foi feita a ironia no filme, o viver feliz para sempre, ferramenta de todo filme de comédia romântica e

maior parte dos musicais – ambos com carga dos EUA fortíssima. Então se se tem um final non-sense na peça, em que todos cantam ópera, o outro é tanto quanto pelo fato do malandro conseguir se casar com a filha de seu nêmeses e herdar todo dinheiro e bens dele.

Pós ampla comparação de ambas as obras, percebe-se o melhor refinamento da obra na peça. Isso porque podemos considerar que o filme é feito de momentos, afirmação essa muito pertinente, demonstrada pelos números musicais bem realizados e com canções que agradam o público de um modo geral não tendo, no entanto, valor narrativo. Um exemplo desses números é o número da batalha da mesa de sinuca com a música “Desafio de Malandro”.

Podemos classificar o filme dessa maneira: no 1º ato – um pouco mais da meia hora inicial de filme – temos as apresentações dos personagens e as ligações que um tem com o outro; no 2º - a hora seguinte – temos o plot em si, contando a história do envolvimento de Max com Ludmila, os quais terminam em um casamento frustrado; o 3º - últimos 15 minutos de filme – seria para a realização do que antes deu errado, o casamento.

Tendo isso em mente, percebe-se que nem todas as cenas e personagens possuem importância para narrativa. Inicialmente, no 1º ato, há a tentativa de mostrar Max como um malandro em cenas como a do cinema e da lavanderia, que não precisam existir, uma vez que a personagem poderia ter sido melhor trabalhada em suas ações em cenas de maior importância narrativa. Se avança e inicia o 2º ato com o plot da aposta na mesa de sinuca, endividando Max que perdeu e está sem dinheiro. Daí se tem dois personagens que levam esse plot, Sátiro e Margot, um que cria o problema e a outra, soluciona, ou seja, ambos desnecessários, uma vez que esse plot não acrescenta em nada à narrativa. Outras cenas

desnecessárias de Margot são o retorno dela com Tigrão – que irá gerar um 3º ato ruim – e seu número musical, ao qual Max assiste no cinema, mesmo ele sendo ótimo no aspecto metafórico para o contexto da época. Por fim, o último ato se perde na questão da paixão de Max e Margot, a qual fica hesitante em relação a partir com ele ou ficar, tornando o filme cansativo e monótono.

Em contrapartida, o cenário é espetacular, grandioso, com certa falsidade, lembrando o teatro e, também, os antigos musicais megalomaniacos da década de 40, também com muitos neons azulados e vermelhos, dando ao filme um aspecto bem dos anos 80.

Por fim, temos a possibilidade de uma leitura da obra que representa o grande embate nacionalidade x “estadunização”. Enquanto na peça não há esperanças para o pobre malandro, em decadência e fraco em 78, como o país que ele representa nesse período, somente seguindo as ordens de Teresinha, no filme em 85 o malandro consegue superar sua miséria e fracasso unindo-se a ela – representante dos EUA – a qual ele, como o Brasil, era manipulado, para conseguir continuar forte e sobreviver para o futuro.